



Prezadas Famílias,

O texto a seguir abordará conteúdos que, em tempos atrás, seriam considerados distantes do cotidiano familiar e escolar.

Mas, infelizmente, o pós-pandemia evidenciou que os jovens mergulharam fortemente no mundo virtual. Cabe-nos perguntar: Como faremos para resgatá-los do uso excessivo das telas e da internet?

Diante desse questionamento, a família e a escola, cada uma em sua esfera e conforme seu papel social, são chamadas a desenvolverem ações efetivas no combate à problemática.

Que o alerta feito pela leitura a seguir seja benéfico para todos os jovens e suas famílias.

Cordialmente,
A Direção

USP prepara relatório sobre articulação de grupos de ódio

O Brasil tem de se preparar para enfrentar a radicalização *on-line*. É com essa premissa que pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) montaram um relatório sobre como os grupos de ódio se articulam nas redes e quais medidas podem ser tomadas para evitar a escalada de violência. A previsão é de que o documento, com cerca de 40 páginas, seja entregue no começo da próxima semana ao Ministério da Justiça e Segurança Pública.

O País tem passado por uma disseminação de ameaças nas redes sociais, o que levantou a cobrança por uma maior moderação das plataformas e por investigações mais integradas para combater grupos extremistas. Atentados em São Paulo e Blumenau (SC) vitimaram ao menos cinco pessoas nas últimas semanas, entre alunos e uma professora. Em outros Estados, como Goiás e Amazonas, também houve tentativas de ataques.

“O que a gente enfrenta agora, e isso ocorre não só o Brasil, mas a nível global, é o extremismo pós-organizacional. São redes extremistas sem uma hierarquia fixa, sem um elo direto com um organização”, afirma ao *Estadão* a pesquisadora Michele Prado, uma das autoras do relatório. O documento, que está em fase de revisão, teve colaboração de um grupo de sete integrantes do Monitor do Debate Político no Meio Digital da USP.

Logo após o caso de Vila Sônia, no mês passado, o grupo de pesquisa lançou uma nota técnica para alertar sobre o avanço do extremismo em ambiente escolar no País. Com o caso recente em Blumenau e o aumento da preocupação sobre o tema, os pesquisadores estreitaram as relações com o Ministério da Justiça. “O relatório é resultado justamente disso, e é uma tentativa de tentar conter o avanço de grupos extremistas”, afirma Michele. Um dos focos do relatório, segundo a pesquisadora, é reforçar a importância da utilização de hashes, que são códigos numéricos criados por meio de um algoritmo criptográfico, para identificar mais precisamente cada arquivo. “É muito importante que isso seja implementado o quanto antes, para evitar a circulação por muito tempo de vídeos e imagens extremistas nas redes”, diz a pesquisadora.

Grupos

Evitar a circulação de vídeos de massacres antigos e materiais violentos é um primeiro passo para evitar a radicalização das chamadas subculturas, que são grupos que se formam na internet – inicialmente, em torno de algum tema específico – e acabam aprofundando a relação em comunidade.

Conforme pesquisadores, os massacres em escolas são crimes que, ainda que normalmente praticados pelos chamados “lobos solitários” – em geral, adolescentes e homens –, têm um caráter coletivo. Muitos dos agressores normalmente se articulam, antes dos atentados, justamente por subculturas e exaltam agressores antigos.

Em outra frente, o relatório que será enviado ao ministério indica quais seriam alguns dos “perfis âncoras” que acumulam o maior número de interações nas redes e, desse modo, têm potencial de influenciar mais pessoas. Essas informações, se houver necessidade, podem ser direcionadas pelo ministério para Secretarias de Segurança Pública de determinados Estados.

Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2023/04/usp-prepara-relatorio-sobre-articulacao-de-grupos-de-odio-clghw3zil000101h58j68p36t.html>

OSG.: 4528-23 - JER/VM